

#### 1.4 Compreendendo o Contexto => Neoliberalismo e Globalização

*Nas grandes cidades, no pequeno dia-a-dia  
O medo nos leva a tudo, sobretudo à fantasia  
Então erguemos muros que nos dão a garantia  
De que morreremos cheios de uma vida tão vazia*

*Nas grandes cidades de um país tão violento  
Os muros e as grades nos protegem de quase tudo  
Mas quase tudo quase sempre é quase nada  
E nada nos protege de uma vida em sentido*

*Nas grandes cidades de um país tão irreal  
Os muros e as grades nos protegem do nosso próprio mal  
Levamos uma vida que não nos leva a nada  
Levamos muito tempo pra descobrir  
Que não é por aí... não é por nada não  
Não, não pode ser, é claro que não é  
? Será?*

*Meninos de rua, delírios de ruína  
Violência nua e crua, verdade clandestina  
Delírios de ruína, delitos & delícias  
A violência travestida faz seu trottoir  
Em armas de brinquedo, medo de brincar  
Em anúncios luminosos, lâminas de barbear*

*Um dia super, uma noite super, uma vida superficial  
Entre as sombras, entre as sobras da nossa escassez  
Um dia super, uma noite super, uma vida superficial  
Entre cobras, entre escombros da nossa solidez*

*Viver assim é um absurdo (como outro qualquer)  
Como tentar o suicídio (ou amar uma mulher)  
Como lutar pelo poder (lutar como puder)*

**Muros e Grades, Humberto Gessinger e Augusto Licks, 1991**

##### **1.4.1 Considerações Iniciais**

Ao contrário da aula passada, a música acima representa um período da MPB que terminou. Está no CD “Várias Variáveis”, da banda gaúcha “Engenheiros do Hawaí”, que fez muito sucesso

nos anos 80 e início dos anos 90 e depois entrou em decadência. A característica mais marcante da banda nesse período diz respeito às letras de Gessinger, que refletem uma certa preocupação com a realidade social.

Nesta aula vamos falar do Neoliberalismo e da Globalização, e compreender esses dois movimentos é fundamental para a compreensão da realidade social sobre a qual seremos chamados a intervir.

A realidade histórica também é importante quando se trata de definir a intervenção: é necessário que se compreenda historicamente como a sociedade moderna chegou onde chegou. Aqui estaremos apenas discutindo rapidamente alguns aspectos da moderna sociedade capitalista, uma vez que em ART II – Módulo Artesanato faremos o caminho da história do capitalismo com mais detalhes.

### **1.4.2 Neoliberalismo**

Antunes (1998) nos diz que a década de 80 presenciou profundas transformações no mundo do trabalho. Foi uma década de grande salto tecnológico, com o avanço da automação, da robótica e da microeletrônica no universo fabril. Novas relações de trabalho e de produção do capital desenvolveram-se. Os processos tecnológicos vigentes até então mesclaram-se com outros processos produtivos (neofordismo, neotaylorismo, pós-fordismo) e ocorreu a consolidação e a universalização do toyotismo.

Para contextualizarmos a realidade social, os conceitos de neoliberalismo e globalização são fundamentais.

A palavra NEOLIBERALISMO representa uma corrente de pensamento que defende a manutenção do mercado livre e seu papel regulador de toda a economia. Por outro lado o ideal neoliberal promove o processo de monopolização da atual fase do capitalismo, na qual um número cada vez menor de gigantescas empresas multinacionais estende o seu domínio com vistas ao controle completo do mercado global, e define/impõe desde os preços de matérias-primas até os dos produtos oferecidos ao público.

Sabe-se que a cada estágio do desenvolvimento econômico das sociedades corresponde uma determinada forma de relação social. No atual período neoliberal observa-se:

- crescimento dos setores sociais marginalizados do sistema produtivo (desemprego e pobreza absoluta crônica);
- queda nos valores reais da maioria dos salários (arrocho salarial);
- fragilização das micro e pequena empresas com conseqüente redução dos mercados de consumo e agudização dos demais problemas sociais (fome, violência generalizada) dos países de economia dependente.

De acordo com Gerab & Rossi (1998) o neoliberalismo caracteriza-se por promover:

- a desnacionalização (**globalização**) dos mercados de consumo, tornando “livre” o acesso a todos os mercados do mundo por meio da eliminação das barreiras alfandegárias (favorece as grandes potências econômicas, coloca as economias dependentes à mercê dos capitais multinacionais);
- a desregulamentação de tudo o que na legislação possa limitar o aumento da exploração capitalista (os trabalhadores perdem seus direitos e ficam cada vez mais à mercê do grande capital);
- a **privatização** (desestatização) com a transferência das empresas estatais e de serviços públicos para o setor privado e a perda dos mecanismos de controle da economia pelo Estado nacional;
- **a acumulação crescente de capital** nas mãos de um número cada vez menor de burgueses, ligados às empresas multinacionais e a redução do número de trabalhadores enquadrados nos novos padrões produtivos (marginalização da produção e consumo de grandes contingentes de assalariados);
- **a distribuição cada vez mais desigual e injusta das riquezas** produzidas pela maioria das pessoas, que vai ficando sempre mais pobre;
- avanço crescente da tecnologia e a aplicação de um novo padrão administrativo à produção: o **toyotismo**.

### 1.4.3 Globalização

De acordo com Prado (1998), globalização significa integração de mercados: o comercial, o financeiro e o produtivo. Com a liberalização do capital após a sucessão das crises financeiras e econômicas nos países desenvolvidos (Crise do Sistema Monetário Internacional e Crise do Petróleo, em 1974) passou-se a priorizar o desenvolvimento econômico em detrimento do social. No final da década de 80 uma nova geração de economistas defendia uma menor ingerência do Estado, com o argumento de que as mudanças tecnológicas levariam à erosão dos obstáculos geográficos e políticos e essa globalização proporcionaria um desenvolvimento muito rápido em todo o mundo (globalização = desenvolvimento).

Na prática o que se observa é que não há crescimento real de investimento internacional. O fenômeno da globalização é puramente financeiro e improdutivo, e não um fenômeno comercial já que o investimento internacional é centrado apenas nos megamercados (Brasil), enquanto grandes regiões do mundo não são interessantes para os investidores.

Ocorreu um aumento de desigualdades mesmo dentro dos países desenvolvidos, a queda do crescimento da economia mundial e o aumento da distância entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento. Prado (1998) aponta que apenas 800 milhões de pessoas fazem parte do processo

de globalização, 4,2 bilhões de pessoas estão alijadas do processo, são consideradas mal negócio pelos investidores. A globalização impõe aos habitantes do planeta a perplexidade de viverem num mundo de possibilidades máximas e felicidades mínimas (Breilh, 1998).

Guimarães (1998) discute que o processo de globalização gera dois tipos de fenômenos:

- ⇒ **Objetivo** - desenvolvimento científico e tecnológico jamais visto, de um lado e de outro altos índices de desemprego e sub-emprego (fenômeno mundial) com trágico impacto na saúde das populações;
- ⇒ **Subjetivo** – não há lugar para todos, sendo criado um enorme contingente mundial de excluídos.

Olhando a Globalização pela óptica da saúde pública, observa-se uma transição: o serviço de saúde está na interface de dois circuitos. Enquanto uns vivem e desfrutam do acesso à alta tecnologia, um outro segmento – altamente produtivo – não tem acesso aos direitos sociais ou seguridade social. Ironicamente, a insegurança, o risco e a incerteza passam a ser compartilhados pela sociedade toda.

De acordo com Sabrosa (1998) são características **epidemiológicas** da época em que vivemos:

- Redução dos índices de mortalidade infantil, mas por outro lado perdeu-se o acesso à seguridade social e a uma estrutura familiar;
- Aumento do acesso aos serviços de saúde medicalizantes, com diminuição do risco de morte e sofrimento imediato, com o aumento drástico da prevalência de doenças que vão acompanhar o indivíduo pela vida toda;
- Novos processos de alastração das mesmas doenças (cujo aumento de prevalência passou a ser atribuído ao fracasso dos modelos assistenciais) e os sistemas de saúde não estão preparados para resolver os problemas.

#### 1.4.4 Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses do mundo do trabalho.** Campinas: Cortez, 1998.

GERAB, W. J. & ROSSI, W. **Indústria e trabalho no Brasil: limites e desafios.** São Paulo: Atual, 1998.

PRADO, Luiz Carlos; SABROSA, Paulo; BREILH, Jaime e GUIMARÃES, Reinaldo. Epidemiologia e globalização. **Revista Tema.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

## 1.5 Exclusão Social: A nova pobreza humana

*A novidade veio dar à praia  
Na qualidade rara de sereia  
Metade o busto de uma deusa maia  
Metade um grande rabo de baleia  
A novidade era o máximo  
Do paradoxo estendido na areia  
Alguns a desejar seus beijos de deusa  
Outros a desejar seu rabo pra ceia*

*A novidade que seria um sonho  
O milagre risonho da sereia  
Virava um pesadelo tão medonho  
Ali naquela praia, ali na areia  
A novidade era a guerra  
Entre o feliz poeta e o esfomeado  
Estraçalhando a sereia bonita  
Despedaçando um sonho pra cada lado*

*Oh, mundo tão desigual  
Tudo é tão desigual  
O, o, o, o, ...*

**A Novidade, Herbert Vianna, Bi Ribeiro, João Barone & Gilberto Gil, 1986**

### **1.5.1 A Desigualdade Como Forma de Exclusão**

No caso da música que trouxemos para ilustrar esta aula os comentários são dispensáveis: pelo peso dos autores e pelo que eles representam para a Música Brasileira. Vale notar, apenas, que este é também um exemplo raro de arte genuína, com penetração na mídia.

A sociedade capitalista moderna criou os excluídos. É possível dizer que a exclusão social definiu novos sujeitos: são aqueles que, numa sociedade parcelar na qual o poder econômico define e se apropria de bens que deveriam ser comuns, não possuem parcela de coisa alguma. Os “sem-parcela”: sem-terra, sem pátria, sem-teto, sem-saúde, sem-educação, sem-cidadania, sem-dignidade.

Carneiro Leitão (1991, apud Sabrosa, 1998) apresenta uma definição da **“nova pobreza humana”**: refere-se à populações que possuem acesso a informações e a uma escolaridade básica, além de estarem expostas aos meios de comunicação. Isso, segundo Carneiro Leitão, cria a “consciência da impossibilidade de ascensão social”, o que leva a identidade dos grupos a ser construída à partir de imensos contrastes cotidianos (doença: mal-estar, frustração, paranóia, violência,...).

Nesse sentido, podemos entender que estão em situação de risco todos aqueles sujeitos, comunidades ou populações que estão às margens das políticas públicas: educação, saúde, habitação, saneamento, abastecimento, emprego.

Política, nesse caso, significa diretriz que gera um conjunto de ações que se traduzem por programas e projetos. Uma política é definida pelo governo federal e sua operacionalização em nível dos estados e municípios depende do orçamento e da capacidade de cada esfera de governo em transformar leis em ações concretas através de programas e projetos.

As populações que se encontram em situação de risco no Brasil são o resultado da natureza do desenvolvimento nacional: concentrador e excludente, que historicamente privilegia o desenvolvimento econômico em detrimento do social.

Para refletirmos sobre exclusão social, trouxe um ensaio muito interessante que nos propõe pensar sobre a condição dos excluídos. É um texto político que nos mostra coisas óbvias, que preferimos não ver.

### **Pobreza e Grosseria: A Essência da Boa Educação é a Atenção e a Bondade**

**Olavo de Carvalho<sup>1</sup>**

Neste país você não pode pedir emprego e muito menos dinheiro emprestado a um conhecido sem que ele instantaneamente assuma ares paternos e comece a lhe dar conselhos, a ralar com você chamando-o de irresponsável, leviano e miolo-mole. E dê graças a Deus por ele o fazer em tom bonachão e não transformar a humilhação sutil em massacre ostensivo. Fim da cena ele sai todo satisfeito com a consciência do dever cumprido e considera-se dispensado de lhe arranjar o emprego ou o dinheiro. E você? Bem, você sai duro, desempregado e culpado.

Esse mesmo sujeito é capaz de, na mesma noite, oferecer um jantar tomando o máximo cuidado para que a arrumação da mesa e a distribuição dos convidados obedeçam estritamente às regras da mais fina etiqueta.

Um indício segura de barbarismo num povo é a atenção excessiva concedida aos sinais convencionais de boa educação e o desprezo ou ignorância dos princípios básicos da convivência que constituem a essência mesma da boa educação.

O bárbaro, o selvagem pode decorar as regras e imitá-las na frente de quem ele acha que liga para elas. Mas não capta o espírito delas, não percebe que são apenas uma cartilha de solicitude, de atenção, de bondade, que pode ser abandonada tão logo a gente aprendeu o verdadeiro sentido do que é ser solícito, atencioso e bom.

Meu pai era um sujeito relaxado que às vezes ia de pijama receber as visitas. Mas ele chamava de “senhor” cada mendigo que o abordava na rua e, sem que ele me dissesse uma palavra, aprendi que **o homem em dificuldades necessitava de mais demonstrações de respeito do que as pessoas em situação normal.** Quanto mais respeitoso, mais cuidadoso, mais escrupuloso cada um

<sup>1</sup> ensaio extraído da revista BRAVO!, Ano3, no. 34, julho 2000

não deveria ser então com um amigo que, vencendo a natural resistência de mostrar inferioridade, vem lhe pedir ajuda. Essa regra elementar é sistematicamente ignorada entre as nossas classes média e alta, principalmente por aquelas pessoas que se imaginam as mais cultas, as mais civilizadas e – valha-me Deus, as mais amigas dos pobres.

Fico horrorizado quando vejo alguém enxotar um flanelinha como se fosse um cachorro e nunca vi alguém fazê-lo com a desenvoltura, o *aplomb*, a consciência tranqüila de um intelectual de esquerda! Nos anos 60 corria o dito de que ajudar os pobres individualmente era “alienação burguesa”, ópio sentimental, sucedâneo da revolução salvadora. Passaram-se 40 anos, a revolução salvadora não chegou (aonde chegou os pobres ficaram mais pobres ainda) e duas gerações de necessitados apertaram ainda mais os cintos em homenagem à prioridade da revolução. Mas não conheço um só militante comunista do meu tempo e do meu meio que não esteja com a vida ganha, que não ostente como um sinal de maturidade triunfante a segurança financeira adquirida graças ao apadrinhamento da máfia política que até hoje domina o mercado de empregos na imprensa, na publicidade, no ensino superior e no mundo editorial.

Hoje não precisam mais do pretexto revolucionário para enxotar flanelinhas. Seu discurso tornou-se palavra oficial, as prefeituras e governos estaduais nos advertem, em cartazes piedosos, para não dar esmolas. Sim, a caridade individual está em baixa. Os frutos da bondade humana não devem ir direto para o bolso do necessitado: devem ir para as ONGs e os órgãos públicos, sustentando funcionários e diretores, financiando movimentos políticos, pagando despesas de aluguel, administração, publicidade e transporte, para no fim, bem no fim, se sobrar alguma coisa, virar sopa dos pobres, diante das câmeras, para a glória de São Bentinho.

Há quem neste país tenha nojo da corrupção oficial. Pois eu tenho é da caridade oficial.

Ainda há quem diga: “Mas, se você dá dinheiro o sujeito vai beber na primeira esquina!”. Pois que beba! Tão logo ele o embolse, o dinheiro é dele. Vocês querem educar o pobre “para a cidadania” e começam por lhe negar o direito de gastar o próprio dinheiro como bem entenda? Querem educá-lo sem primeiro respeitá-lo como cidadão livre que, atormentado pela miséria, tem o direito de encher a cara tanto quanto o faria um banqueiro falido? Querem educá-lo impingindo-lhe a mentira humilhante de que a sua pobreza é uma espécie de menoridade, de inferioridade biológica que o incapacita para administrar os três ou quatro reais que lhe deram de esmola? Não! Se querem educá-lo, comecem pelo mais óbvio: sejam educados. Digam “senhor”, “senhora”, perguntem onde mora, se o dinheiro que lhes deram basta para chegar lá, se precisa de um sanduíche, de um remédio, de uma amizade. Façam isso todos os dias e em três meses verão esse homem, essa mulher, erguer-se da condição miserável, endireitar a espinha, lutar por um emprego, vencer.

Na verdade, a barreira que impede o acesso de pobres e mendicantes brasileiros a uma vida melhor é menos econômica que social. Façam um teste.

Quanto custa um frango? Assado, com farofa. Cinco reais no máximo, em geral menos. Quer dizer que um mendigo pedindo esmola em qualquer das grandes capitais do Brasil, pode comer pelo menos um frango por dia, senão dois, e ainda lhe sobra o dinheiro da condução. Para você fazer uma idéia de quanto um país onde isso é possível é um país rico e generoso tente essa comparação. Quando Franklin D. Roosevelt lançou o New Deal, um dos objetivos principais do ambicioso plano econômico foi assim anunciado pelo rádio: “Assegurar que cada família deste país tenha em sua mesa um frango por semana.” Ouviram bem? Um frango por semana para quatro ou cinco pessoas. Na época pareceu um ideal quase utópico. Pois bem: estamos numa terra onde velhas desamparadas que se arrastam pelas ruas comem um frango por dia, onde os meninos-de-rua pedem esmola em frente ao Mc Donald’s para completar o preço de um BigMac com fritas de três em três horas, onde os bebês famintos exibidos pelas mães, em prantos usam fraldas descartáveis, onde as casas dos bairros miseráveis têm antenas parabólicas e os catadores de lixo se comunicam com seus sócios por telefones celulares.

Em contra-partida, façam outro teste: peguem um sujeito sujo e esfarrapado, encham-no de dinheiro e façam-no entrar numa loja de roupas – não digo uma loja elegante, mas qualquer uma – para comprar um terno. Será enxotado. E se gritar: “Eu tenho dinheiro!”, vai terminar na polícia,

com holofote na cara, tendo que explicar muito bem explicadinho, isso se não for obrigado a escorregar “algum” para a mão do sargento.

O mesmo pobre que pode comer um frango por dia tem de comê-lo na calçada, com os cães, por que não tem acesso aos lugares reservados aos seres humanos. Está certo que você, gerente do restaurante, fique constrangido de botar um sujeito estropiado e fedido no meio de seus clientes distintos. Mas, não vê que mandá-lo comer na rua é mais falta de educação ainda? Pelo menos dê-lhe de comer num cantinho discreto, converse com ele sobre as dificuldades da vida, ofereça-lhe uma camisa, uma calça. Seja educado, caramba! Pois se você, que está bem empregado e bem vestido, tem o direito de ser grosso, que primores de polidez pode esperar do pobre? Se um dia, cansado de levar chutes ele o manda tomar naquele lugar, não se pode dizer que esteja privado do senso de proporções. E não me venha com aquela história de “Se eu tratar bem um só mendigo, no dia seguinte haverá uma fila deles na minha porta”. Isso pode ser verdade em casos isolados, mas não no computo final. Se todos os restaurantes tratarem bem os mendigos, logo haverá mais restaurantes que mendigos. Conte os mendigos e os restaurantes da Avenida Atlântica e diga se não tenho razão. Isso sem que entrem no cálculo os bares e padarias.

O brasileiro de classe média e alta está virando uma gente estúpida que clama contra a miséria no meio da abundância porque cada um não quer usar seus recursos para aliviar a desgraça de quem está ao seu alcance, e todos ficam esperando a solução mágica que, num relance, mudará o quadro geral. Sofrem de platonismo à *outrance*: crêem na existência de um geral em si, dotado de substância metafísica própria, independente dos casos particulares que o compõem.

Por isso é que, quando a propaganda do Collor inventou aquela coisa de “Não votem em Lula porque ele vai obrigar cada família da classe alta a adotar um menino de rua”, eu disse a mim mesmo: “ Raios, se isso fosse verdade eu ficaria satisfeito de votar no Lula”. Só acredito é em gente ajudar gente, uma por uma e não na mágica platônica das mudanças estruturais, pretextos de revoluções e matanças que resultam sempre em mais pobreza ainda.

Na verdade quem acredita nelas erra até ao dar o nome ao problema geral. Quando, revoltados ante a desgraça do povo brasileiro, gritamos “FOME” algo está falhando na nossa percepção da realidade social. **No mais das vezes o que falta não é comida, não é dinheiro: é as pessoas compreenderem que a pobreza não é um estigma, não é uma desonra, é uma coisa que pode acontecer a qualquer um e da qual ninguém se liberta só com dinheiro, sem o esforço psicológico de um ambiente que o ajude a sentir-se novamente um membro da espécie humana.**

**Entre as causas culturais da pobreza, a principal não está nos pobres, mas na falta de educação dos outros.**

### **1.5.2 Roteiro para Leitura – Questões Norteadoras**

1. Qual indício o autor aponta como seguro para medir o barbarismo num povo? Para ele, qual a essência da boa educação? Qual o exemplo que usa para ilustrar isso?
2. Por que o autor comenta que “o homem em dificuldades necessita de mais demonstrações de respeito que as pessoas em situação normal”? Dê sua opinião.
3. Qual crítica o autor faz aos intelectuais de esquerda e à máxima “não dê esmolas”? Qual a sua opinião.
4. Qual crítica o autor faz às ONGs? Você concorda?
5. No oitavo parágrafo o autor discute conceitos de educação e respeito. Discuta e dê sua opinião pessoal.

6. Quais os argumentos que o autor usa para defender a idéia “problema menos econômico que social”. O que você acha disso?
7. Quando o autor fala em “ajudar gente uma por uma” está aplicando o conceito do materialismo histórico. Explique.

### **1.5.3 Referência Bibliográfica**

PRADO, Luiz Carlos; SABROSA, Paulo; BREILH, Jaime e GUIMARÃES, Reinaldo. Epidemiologia e globalização. **Revista Tema**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

---